

Flora Tristán: uma peregrina em busca de sua identidade

Profa. Dra. Maria Luiza Teixeira Batista

Universidade Federal da Paraíba

Neste trabalho, temos a intenção de apresentar uma análise do relato de viagem de Flora Tristán, *Peregrinaciones de una Paria* (1838), indicando aspectos que demonstram como este relato pode ser lido como uma viagem em busca de identidade. Em primeiro lugar, é necessário apresentar alguns dados biográficos importantes sobre a nossa autora para que se possa compreender o texto em questão. Em um segundo momento, dissertaremos sobre o relato de viagem como gênero e sua aproximação com a autobiografia.

Flora Tristán, mais conhecida por haver sido a avó do pintor francês Paul Gauguin¹, nasceu em Paris em 1803, filha de Mariano de Tristán y Moscoso, um coronel espanhol nascido no Virreinato do Peru, e de uma jovem francesa, Teresa Lainée. Era uma mulher revolucionária e aventureira. Por causa de suas declarações em defesa dos direitos da mulher e da classe de operária, foi considerada precursora do movimento feminista e do socialismo utópico francês.

No seu relato de viagem *Peregrinaciones de una Paria*, a autora descreve uma viagem a Peru no começo do século XIX. Os motivos dessa viagem eram, por um lado, ser reconhecida como filha legítima do mencionado, e já falecido, coronel espanhol, e, por outro, exigir sua herança do seu tio, Pío de Tristán (irmão de seu pai e que tinha o controle destes bens).

Nesta história, Flora conta sua experiência, começando pelos motivos que a fizeram tomar a decisão de fazer esta longa viagem. Os fatos são contados em ordem cronológica, mas, como é característico do relato de viagem, o texto é frequentemente alternado por digressões e por explanações, com o intuito de esclarecer ao leitor algum ponto que a autora julga necessário para a compreensão do que está narrando.

Analisar genericamente o relato de viagem não é uma tarefa simples desde que, sendo considerado um gênero *amorfo*, pode estar vinculado com outros, como as

¹ No seu livro de memórias *Avant et après* (1918), Gauguin resgata a imagem da avó, esquecida no tempo, e a descreve como uma mulher curiosa e pitoresca, uma *andarilha* socialista que lutou pelos direitos dos trabalhadores e das mulheres.

memórias, a história, a crônica, o diário e inclusive a autobiografia. Apesar de não possuir fronteiras bem demarcadas, o relato de viagem apresenta características que o define como tal. Entre estas, destacamos a re-escritura. Percy G. Adams, no seu livro *Travel Literature and the Evolution of the Novel*, afirma que a re-escritura é a característica principal do relato de viagem, porque este não é um conjunto de anotações feitas pelo viajante, mas, pelo contrário, é um texto re-elaborado, corrigido e editado. Embora esteja baseado nas suas anotações, o relato é revisto pelo viajante, é então a re-escritura da viagem (Cf. ADAMS, 1999, P. 280). Como re-escritura, o relato de viagem se aproxima do texto autobiográfico, ambos estão centrados na re-escritura da experiência; o primeiro, da experiência de uma viagem, o outro, de uma vida.

De fato, o relato autobiográfico é a re-escritura da experiência. No entanto, mais do que re-escritura, a autobiografia é, de acordo com o Georges Gusdorf,² a segunda leitura da experiência, onde o passado não é reconstruído exatamente como era e onde a memória tem uma importância fundamental: é responsável pela recapitulação deste passado, transformando-o em presente eterno. Para o crítico, é impossível reconstruir o passado igual ao que era, por essa razão relatar a experiência passada é reler essa experiência. Através da memória que permite a reordenação e a interpretação das diferentes etapas da sua vida, o autor tenta compreender o presente por meio da análise do passado. Não obstante, o que termina fazendo é uma reconstrução dos fatos, uma ficção.

O crítico considera o fato de contar a sua própria história uma tarefa egocêntrica, visto que o autobiógrafo pensa de que suas experiências pessoais e o testemunho de tais experiências são importantes para as outras pessoas, por esse motivo ele se dá o trabalho de reorganizar seu passado e contar sua vida em uma tentativa de eternizar-se.

Gusdorf reconhece também a autobiografia como uma forma de auto-conhecimento, onde o autor se transforma em historiador de si mesmo, cuja tarefa consistiria em mergulhar na sua história e no seu passado, e tentar trazer à superfície os segredos de seu ser que, para ele, vale a pena ser revelados. O autor procura ordenar os acontecimentos da sua vida, reunindo sentimentos e idéias em uma tentativa de conformar a unidade de seu *ser*. Aqui, a autobiografia se aproxima da confissão, uma vez que o autobiógrafo parece dialogar consigo mesmo na busca de sua verdade interior e de sua identidade.

² Georges Gusdorf foi um dos primeiros críticos a sistematizar a autobiografia como gênero. Seus estudos sobre o tema foram publicados em “Condiciones y límites de la autobiografía” (1956).

Seja um trabalho de *justificação pessoal* ou de auto-conhecimento, a autobiografia não é um livro exato, uma “prestação de contas” (GUSDORF, 1991, p. 15), porque não pode ser medido pela precisão de seus detalhes, estes não a fazem mais verdadeira. Ao narrar o passado no momento atual da escrita, o autor, de uma forma ou de outra, escolhe o que deseja contar, revelando ou omitindo detalhes, fazendo com que o fato narrado seja uma versão revista e corrigida de seu passado. Na autobiografia a verdade que está em jogo é a do *sujeito*.

No caso de *Peregrinaciones de una Paria*, a estória pode ser lida como uma autobiografia desde que a autora reconhece seu texto como um livro de memórias, onde relata sua viagem a Peru no intuito de receber uma possível herança de seu pai. Contudo, podemos dizer que, ao invés da fortuna, o que verdadeiramente procura nossa autora é sua própria identidade: ser reconhecida como a filha legítima do coronel peruano.

A história de Flora Tristán contém três textos introdutórios. Em um deles, escreve uma dedicatória aos peruanos, justificando as duras críticas dirigidas a esse povo. Ao mesmo tempo, reconhece que a classe pobre e analfabeta está subordinada à avareza da classe dominante e exige sua instrução como única forma de libertá-los deste estado de submissão. Neste ponto já se percebe um indício de sua posição com relação aos menos favorecidos, posição que se tornará mais evidente anos mais tarde quando Flora se converta em uma ativista política.

Esse texto de introdução do livro é datado e assinado pela autora que se autodenomina; “Vuestra compatriota y amiga. Flora Tristán. París, agosto de 1936.” (TRISTÁN, 1984, P. 14). A importância da assinatura remete ao pacto autobiográfico de Philippe Lejeune quando diz que: “para que haya autobiografía (y, en general, literatura íntima) es necesario que coincidan la identidad del autor, la del narrador y la del personaje” (LEJEUNE, 1991, P. 48). Assinar sua história com seu nome próprio seria, para Flora, uma maneira responsabilizar-se por tudo o que está escrito, por esta razão ela, em outro momento da apresentação de seu livro, volta ao tema assinatura e menciona a falta do valor testemunhal ao fazer uso da ficção como objeto de denuncia e do pseudônimo, pois este seria uma forma de esconder-se atrás de uma máscara.

No seu segundo texto introdutório, Flora define seu livro como sendo de memórias, cujo valor está no fato de apresentar-se tal como é. Um testemunho onde expõe, não somente sua vida pública, mas também o aspecto pessoal e privado de sua

história. Enfatiza a sinceridade do seu relato, seu compromisso com a verdade e seu valor enquanto denuncia.

Neste momento, fala também em nome das mulheres que vivem na mesma situação que ela; mulheres separadas dos maridos e que sofrem preconceitos por viver nessa circunstância. Fala do papel de tais mulheres na sociedade desse tempo. Acredita que, ao contar sua história de luta contra um marido do opressor e um matrimônio infeliz, está representando-as; seu testemunho serviria como alento para mulheres como ela, porque seu dever como escritora é “el de instruir a sus semejantes” (p.18).

No terceiro texto da introdução, o caráter autobiográfico do seu relato se torna mais evidente, principalmente quando, dirigindo-se ao leitor, Flora diz: “Debo colocarlo en mi punto de vista, a fin de asociarlo a mis pensamientos y mis impresiones” (p. 21). Ao expor seu ponto de vista e seu desejo de expressar seus pensamentos e impressões, insinua a subjetividade que irá guiar sua história.

Nesse texto, Flora conta, em um tom confessional, a história de sua vida. Fala de sua família, de seus pais, marido e filhos. Fala da razão pela qual abandonou seus filhos para embarcar nessa longa viagem. Fala de si mesma e se auto-define como “una desgraciada paria” (p. 21), uma excluída. Ela também expressa o desejo de reintegrar-se à sociedade, aquela que com seus “viejos prejuicios” (p.21) a repudiou. Acredita que somente com a herança e o nome de seu pai poderia reconquistar seu lugar nessa sociedade. Não obstante, esse desejo é frustrado quando retorna a Europa sem nenhum dos dois. Essa fracassada viagem a fez mudar de ponto de vista; já não quer conquistar seu lugar por meio de um nome ou de riqueza. A partir desse momento, decide lutar por seus direitos como cidadã francesa.

Nos capítulos seguintes, Flora escreve seu relato de viagem propriamente dito. Começa descrevendo a sua partida a Peru. Em um momento de reflexão, angústia e revolta, afirma: “Testigo yo misma mi cortejo fúnebre” (p.27), com estas palavras começa a dar o testemunho de sua experiência, a contar sua história e a descrever seu próprio personagem.

Em todo o texto, podemos encontrar passagens onde o personagem principal, ou seja, Florita, reflete sobre seu passado e se auto-analisa. Reconhece que aquela que escreve no momento presente da escrita é diferente da que viveu a experiência relatada, isto é, como narradora da história, está ciente da mudança que ocorreu no personagem em consequência dessa experiência, porque sua visão no momento presente da escrita é diferente da visão do passado.

Essa profunda mudança é observada em uma passagem onde Flora descreve Praya (uma cidade de Cabo Verde). Nesse momento, afirma que irá descrever as impressões tais como as sentiu, mas ao mesmo tempo justifica-se dizendo que o sujeito que tinha essa opinião, muitas vezes preconceituosas do outro, já não existe mais, porque o tempo o transformou em outra pessoa. Flora afirma:

“En 1833 me hallaba todavía muy lejos de tener las ideas que después se han desarrollado en mi espíritu. En aquella época era muy exclusivista. Mi país ocupaba en mi pensamiento más sitio que todo el resto del mundo. Era con las opiniones y los usos de mi patria con lo que juzgaba las opiniones y los usos de los demás. (...) No veía que todos los hombres son hermanos y que el mundo es su patria común. Estaba todavía muy lejos de reconocer la solidaridad de las naciones entre sí, (...). Pero relato mis impresiones tal como las sentí a la vista de nuestra superioridad sobre los individuos de las otras naciones que se encontraba en la Praya.”(p.36)

Flora admite que a mulher que escreve já não é mesma, não é aquela que anos atrás viajou a Peru. Ao recordar o passado, procura *auto-edificar-se*, construir uma identidade e definir-se. Neste sentido, descreve a si mesma como uma pessoa honesta e sincera, que atua de boa fé. Uma pessoa que se preocupa pelo bem estar do outro, especialmente dos mais indefesos.

Nessa busca por construir uma identidade, em certos momentos de seu texto, Flora se reconhece como peruana. Um exemplo é quando afirma: “Yo nací en Francia, pero soy del país de mi padre. Es la casualidad lo que nos hace nacer en un lugar o en otro. Mire mis facciones y dígame a qué nación pertenezco” (p. 65). No entanto, em outras ocasiões se autodenomina como *pária*, um indivíduo sem casta ou posição na sociedade. Confessa que se sente *pária* tanto em seu país, França, como no Novo Mundo. Isto é, ela não consegue encontrar seu lugar no mundo, sente-se *desterrada* tanto em um lugar quanto no outro.

Na tentativa de construir uma identidade, a narradora termina delineando uma imagem de si e, conseqüentemente, criando um personagem. Flora se apresenta à sociedade peruana como uma mulher solteira; tal posição a obriga esconder sua real situação civil e a existência de seus filhos. Ela também descreve seu personagem com as palavras dos outros (sem esquecer que, em seu texto, estas palavras são suas, porque é ela que tem a palavra). Nestas descrições, Florita é “una persona tan realmente buena” (p. 59), “una belleza, una divinidad” (p. 168), de “buen corazón” (p. 272) e com um “gran valor” (p. 239). Estas são as qualidades que Flora atribui a ela mesma; quer demonstrar ao leitor uma imagem e faz através de seus personagens.

Dizer que Flora inventa um personagem, remite-nos à famosa frase de Roland Barthes na contracapa de sua autobiografia quando diz: “Tout ceci doit être considéré comme dit par un personnage de roman” (BARTHES, 1980, p. 1). Por tanto, seu texto pode ser lido como uma novela. Tal afirmação indica que a verdade do relato autobiográfico foi minada pelo conceito de ficção.

No livro de Flora, podemos observar diversos momentos onde a ficção contamina sua história. Isto acontece principalmente quando, constrói diálogos com a intenção expor sua ideologia, muitas vezes expõe suas opiniões através dos personagens. Há uma passagem onde Flora usa a história da sua prima Carmen e de seu infeliz casamento para transmitir ao leitor sua opinião sobre o assunto. Então, Carmen afirma: “Para tener una idea del abismo de dolor que está condenada a vivir, hay que estar o haber estado casada. ¡Oh, Florita! El matrimonio es el único infierno que reconozco” (p. 119). Em uma outra passagem, Carmen opina sobre o dinheiro usurpado dos homens poderosos (e ricos) de Arequipa para a revolução: “¿por qué no se establecen escuelas por todas partes? ¡Con las sumas que ese monje acaba de arrancar a todos esos avaros se podía dar instrucción a todo el Perú” (p. 186). Esta opinião é similar à exposta por Flora na introdução do livro quando reivindica educação para o povo peruano.

Seu retorno a França marca o fim do relato de viagem de Flora Tristán. Retorna a seu país, sem a herança nem o reconhecimento de paternidade, porém a que retorna não é a mesma mulher que meses antes havia desembarcado no Peru. A experiência dessa viagem mudou a vida da nossa autora, retorna a sua terra fortalecida e decidida lutar pelos seus direitos e pelos direitos dos outros, de seus companheiros trabalhadores, homens e mulheres.

Talvez sua viagem a Peru tenha servido como ponto de partida para que Flora percebesse que sua força estava na sua palavra e na sua inteligência. A escrita é transformada então no seu instrumento de trabalho, meio pelo qual divulga suas idéias. Ela escreve manifestos feministas e luta pela igualdade das condições laborais entre homens e mulheres. Escreve também *La Unión de los trabajadores* (1843), livro publicado antes do *Manifiesto Comunista* (1848) de Karl Marx e Friederich Engels, onde critica o regime burguês e se declara a favor da classe trabalhadora, por este motivo não se é absurdo afirmar que Flora Tristán foi uma precursora do ideário socialista. É então, através da literatura, que ela encontra seu lugar no mundo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Percy G. (1999) *Travel Literature and the Evolution of the Novel*. EEUU, The University Press of Kentucky.

BARTHES, Roland. (1980) *Barthes par Barthes*. Paris, Seuil.

DOIRON, Normand. (1988) *L'art de voyager: pour une définition du récit de voyage à l'époque classique*. Paris, Poétique.

GUSDORF, Georges. (1991) "Condiciones y límites de la autobiografía". EN: *Anthropos*. No 29. Barcelona, Editorial Anthropos.

LEJEUNE, Philippe. (1991) "El pacto autobiográfico". EN: *Anthropos*. No 29. Barcelona, Editorial Anthropos.

TRISTÁN, Flora. (1984) *Peregrinaciones de una Paria*. La Habana, Casa de las Américas.